

Cientista é de *carne e osso*

Procurando bem todo mundo tem pereba, marca de bexiga ou vacina.

E tem piriri, tem lombriga, tem ameiba. Só a bailarina que não tem.

(Edu Lobo e Chico Buarque)

A canção que descreve em versos a visão romântica que o autor tem da bailarina bem poderia servir para representar como a sociedade brasileira ainda idealiza a figura do cientista - e digo do cientista porque, a despeito de esforços em contrário, ainda se mantém a crença de que a atividade é prioritariamente destinada aos representantes do sexo masculino.

E não é só. Pessoas que se dedicam à pesquisa e à ciência são comumente percebidas como seres dotados de poderes divinos, habitando Torres de Marfim e com permissão para reger o destino dos mortais. *Pesquisa feita pelo Museu da Vida, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), em parceria com a London School of Economics e o portal SciDev.Net divulgada em 2013 mostra parte dessa realidade ao apontar que jornalistas da América Latina que fazem cobertura da ciência para veículos de comunicação são pouco críticos e questionadores quando se trata de falar sobre os feitos deste segmento e, diferentemente dos colegas europeus, entendem que seu papel limita-se a informar.

A despeito de atuarmos na assessoria de comunicação da Empresa - o que nos difere dos profissionais de veículos - e do respeito que nutrimos por atuar junto a grupo tão seletivo e importante para o desenvolvimento de um país agrário como o nosso, como profissionais de comunicação nosso papel reflexivo é fundamental para o desempenho das funções para as quais fomos contratados.

Justamente por isso devemos observar o cenário mundial no que se refere à comunicação pública da ciência. Desse modo, reconhecemos a rapidez com que conhecimentos científicos transformam-se em produtos e serviços e a amplitude dos impactos deles sobre os indivíduos e a sociedade. Aliado a isso, observa-se que a sustentabilidade da atividade científica - majoritariamente mantida pelo Estado, sobretudo em países em desenvolvimento - depende cada vez mais do diálogo com a sociedade em geral.

Reflexo dessa preocupação na política científica e tecnológica do Brasil foi a atitude do CNPq em tornar a interlocução do segmento com a sociedade um valor explícito ao incluí-la entre seus critérios de avaliação, a partir de 2012. Tudo mostra que será preciso quebrar as barreiras que separam o cientista do mundo dos mortais.

Foi pensando em descobrir e revelar um ponto de empatia entre pesquisadores e pesquisadoras da Embrapa com seus públicos de interesse que, este ano, ganhou espaço no programa Dia de Campo na TV (DCTV) um novo quadro. Por ele já passaram cerca de dez convidados e convidadas, ajudando a desfazer mitos ao falarem de sua infância e como se voltaram para o mundo da ciência a partir da pesquisa agropecuária. Uma forma de mostrar como “surge” um cientista e, quem sabe, inspirar jovens a perceberem em si potencial para seguir igual caminho.

* http://www.cienciahoje.org.br/noticia/v/ler/id/1878/n/perfil_em_construcao

Quem quer ser cientista?

Saiba: todo mundo teve infância, Maomé já foi criança.

Arquimedes, Buda, Galileu e também você e eu.

(Arnaldo Antunes)

Postos diante da câmera sob fundo neutro, pedimos que pesquisadores e pesquisadoras falem sobre sua infância, tempos de escola e vida em família, costurando lembranças de fatos que os trouxeram até a Embrapa *confessam* sua humanidade.

Você poderia imaginar que o pesquisador **Francisco Aragão**, hoje líder de grupo de pesquisas referência nacional e internacional em engenharia genética de plantas, tivesse ficado em dúvida entre a carreira de atleta e a de cientista?

Pois esta é uma das histórias que ele conta ao público do DCTV, revelando ainda seu lado “pai presente” ao falar sobre como se divide entre *papers* e o apoio aos deveres escolares do filho, que leva e busca diariamente no colégio.

Rose Monerat, destaque pelas pesquisas no desenvolvimento de bioinseticida contra o mosquito *Aedes aegypti*, fez revelações inconfessáveis diante das câmeras relacionadas à sua infância de garota curiosa. Desde cedo ela nutria gosto pelo contato com insetos e animaizinhos em busca de entender como “funcionavam”. Casada com pesquisador, falou ao Quem Quer Ser Cientista sobre como concilia a carreira na Embrapa e a maternidade.

A vencedora do Prêmio Cláudia 2015 na categoria Ciência, pesquisadora **Mariângela Hungria** falou sobre seu ingresso na profissão. A engenheira agrônoma contou como a relação com a avó, desde a infância, foi determinante para tornar-se uma pesquisadora.

Exercício delicioso este de garimpar histórias motivadoras e compartilhá-las com o público do DCTV e da Embrapa, em especial. Uma forma de conhecer melhor colegas de trabalho e nos aproximar desses seres especiais capazes de nos emocionar de muitas maneiras, pois são nosso iguais na diversidade. Como dizem as canções citadas: “Todo mundo tem remela quando acorda as seis da matina” e “Todo mundo vai morrer, presidente, general ou rei, anglo-saxão ou muçulmano, todo e qualquer ser humano”.

Valéria Costa

Jornalista da Embrapa Informação Tecnológica – Setor de Mídia Eletrônica.